

A Carta de Tiago

A Prática da Fé Cristã

Estudo 01

Introdução

Nesta série veremos o escrito mais antigo do Novo Testamento, a saber, a carta de Tiago. Uma carta riquíssima, atual e que deve sempre ser estudada pela Igreja de Cristo, que nos chama à responsabilidade de pormos em prática tudo quanto nos foi revelado no Evangelho de Cristo.

Antes, vejamos algumas informações importantes sobre essa carta para que tiremos o máximo de proveito dela.

Quem escreveu essa carta?

A tradição cristã tem atribuído ao longo dos séculos a Tiago, irmão de Jesus, a autoria dessa carta. Esse Tiago não deve ser confundido com o apóstolo seu homônimo. Embora haja diferentes personagens no NT com o nome “Tiago” (nome muito comum, pois, vem do hebraico “Jacó”).

A autoridade que o escritor dessa carta tinha sobre a Igreja, nos leva a crer que se trata do meio-irmão de Jesus. Ele era um dos líderes da Igreja em Jerusalém e ele presidiu o concílio registrado em At 15. Em Gl 1.19, ele também é identificado como “o irmão do Senhor”.

Juntamente com Pedro e João, Tiago foi um dos pilares da Igreja Cristã (Gl.2.9). Era filho de Maria, e, portanto, irmão de Jesus (Mt 13.55; Mc.6.3). A princípio, ele foi cético para com Jesus durante o Seu ministério terrenal (Jo 7.5), mas foi convertido quando tornou-se testemunha ocular da ressurreição (1Co 15.7).

Testemunho dos historiadores

Hegésipo, identificou-o como “Tiago, o Justo”, por causa de sua piedade, devoção à Lei de Deus e dedicação à oração. Neste último ponto, dizia-se que ele tinha os “joelhos de camelo”, por serem tão calejados na prática da oração.

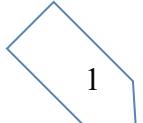
Josefo, registra que Tiago foi martirizado em 62 d.C. Eusébio, outro historiador, conta que o atiraram do parapeito do templo e depois lhe bateram tanto com uma clava até à morte; Hegésipo registra que ele fora lançado do pináculo do templo, o que concorda com o relato de Eusébio.

Quando a carta foi escrita?

Os estudiosos a colocam a data entre os anos de 44 d.C. a 62 d.C., sendo que por não haver nenhuma menção ao concílio de At 15 datado de 49 d.C., é provável que a data mais correta seja 44 d.C., mesmo. O que torna essa carta um dos primeiros (senão o primeiro) escritos do NT.

Quais objetivos tinha o autor em escrevê-la?

Podemos destacar vários assuntos nessa carta. Ela é do tipo “epistolar”, ou seja, um escrito que deveria ser lido solememente diante da Igreja, a fim de se corrigir vários erros da comunidade. A julgar pela variedade de temas abordados pelo autor, podemos dizer que o assunto principal da carta é: **A Prática da Fé Cristã**. Assim sendo, o que Tiago pretendeu quando escreveu essa carta era exortar os irmãos a voltarem à prática da Palavra de Deus, dando assim, provas claras de sua Fé em Cristo. Daí a máxima: “**A fé sem obras é morta**” (2.26) ser a exortação que perpassa toda a carta.



Equívoco doutrinário que deve ser evitado

João Calvino comentou quase toda a Bíblia, mas, quando chegou à carta de Tiago ele se recusou a fazê-lo, porque segundo ele, essa carta fazia alusão à salvação pelas obras e não dava tanto mérito à graça como as cartas que Paulo escreveu. Lutero pensava igual.

Bem, Calvino e Lutero estavam errados. A carta de Tiago não exalta e nem ensina a salvação pelas obras, e muito menos contraria as demais passagens bíblicas que nos ensinam que a salvação é pela graça.

O que aconteceu foi o seguinte. Fazia pouco mais de uma década que Cristo havia subido ao céu e o Espírito Santo descera sobre os discípulos. Como acontece com todos nós, um comodismo e relaxo para com a vida cristã, começaram a tomar conta do comportamento dos crentes. Daí a ênfase que Tiago dá à prática da Fé Cristã como prova e marca indelével do compromisso do crente com Jesus.

Aplicação dessa carta à nossa vida

Tal situação de comodismo pode nos acometer. Por isso mesmo precisamos atentar para a necessidade de praticarmos aquilo que cremos. Aliás, se não houver prática dos ensinamentos bíblicos, não só estamos nos enganando como também perdendo o nosso tempo, e o que é pior, desacreditando a mensagem do Evangelho, haja vista que os incrédulos são atraídos a Cristo pelo nosso comportamento (Mt 5.16).

Temas que serão estudados nessa carta

Perseverança (Cap.1)

Fé (Cap.2)

O uso da língua (3.1-12)

Sabedoria celestial e terrena (3.13-18)

Submissão à vontade de Deus (Cap.4)

Paciência (Cap.5)

Estudo 02

A Perseverança

Na vida cristã, a perseverança exerce papel fundamental. Em sua carta, Tiago sempre toca nesse assunto. É bem provável que os cristãos naqueles dias estivessem se afastando dos princípios elementares da Fé Cristã, e por isso, o apóstolo lhes exortou a perseverarem.

“Perseverar” é “*o ato de persistir, manter-se firme e constante; continuar, permanecer, conservar-se*”. Em se tratando da Fé Cristã, então, perseverar, significa manter-se firme na fé, não afastar-se do Caminho, permanecer na presença de Deus.

Neste primeiro capítulo, o assunto principal é a perseverança relacionada a várias áreas da vida cristã. Vejamos:

1) Perseverança e o crescimento espiritual, v.2-4.

Tiago exorta os crentes a perseverarem em meio às provações, e não somente isso, mas, também ter “**por motivo de alegria**” o passar por várias provações. Aqui destacamos que o crente em Cristo, (1) **passa por provações**; e não somente isso mas, (2) **por “várias” provações** (v.2).

Quando Deus permite o crente passar por essas “várias provações”, Ele tem um propósito bem definido: levar o crente ao amadurecimento. Esse amadurecimento é descrito aqui como “**perfeição e integridade**”. Ser perfeito, bílicamente, falando, é ser maduro, capaz de encontrar na Palavra as respostas para seus dilemas. **Integridade** aponta para um caráter que não permite dúvidas; é um viver transparente. **O que eu faço quando estou sozinho, quando não tenho nenhuma pessoa me vendo diz muito sobre o meu caráter.**

2) Perseverança e sabedoria, v.5-8.

Na busca pela maturidade espiritual nos deparamos com a nossa falta de sabedoria. **Algo muito importante para o nosso crescimento é reconhecer nossas próprias limitações.**

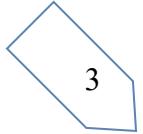
Ao constarmos que precisamos de sabedoria então devemos pedir a Deus, e Ele nos dará sem nos criticar (improperar); ele não nos ridicularizará nos acusando de sermos faltos de sabedoria.

Na busca pela sabedoria que Deus dá precisamos: (1) **pedir com fé**, em nada duvidando; a dúvida aqui é a atitude de questionar em seu próprio coração a bondade de Deus, e por isso mesmo é um pecado; (2) **ser constante na presença de Deus**; mais uma vez aqui encontramos a perseverança do crente. Ter “ânimo dobre” (*διψυχος*) é ser um “inconstante”, “alguém que vacila entre duas coisas”, “vacilante, incerto, duvidoso”, “de interesse dividido”, no caso aqui, trata-se do comportamento que num momento mostra confiar em Deus e logo duvida de Sua bondade em conceder sabedoria ao coração que Lhe pede.

3) Perseverança e a humildade, v.9-11

O foco aqui nesses versos é a humildade. Tanto o irmão de condição humilde quanto o rico, devem observar que nada são. O irmão de condição humilde deve “**gloriar-se na sua dignidade**”. Mas, qual é a dignidade do irmão de condição humilde? A de ser parecido com o **Senhor Jesus Cristo**. Ele sendo o Rei do universo, se humilhou (Fp 2.5-11). O irmão rico deve ver que ele é **igualmente** insignificante, pois, o mesmo fim que o pobre tem o rico também terá (v.11).

A humildade deve ser a marca do crente, e ele deve perseverar nesse sentido, pois, é através dela que ele se identifica com Cristo. Quão difícil é para nós permanecermos humildes, especialmente quando alguém nos fere em nosso orgulho, não é mesmo?



4) Perseverança na provação para aprovação, v.12-15

Há que se distinguir entre **provação** e **tentação**. A provação é uma luta intensa pela qual o crente passa, luta essa que pode vir em forma de uma enfermidade, um conflito nos relacionamentos, um problema de ordem financeira enfim, qualquer situação que ponha em prova o caráter do crente. **Por isso mesmo, a provação é dada por Deus.**

Já a tentação, é um ataque feroz (ou às vezes sutil) do diabo, aguçando nossa cobiça (v.14), inflamando nosso coração pecaminoso sugerindo-lhe um pecado. **Assim a tentação é obra do diabo e é permitida por Deus.** Satanás não pode nos tentar sem a permissão de Deus. Acontece que se o crente permanecer firme na presença de Deus, ele receberá poder para vencer a tentação, e assim, ele crescerá na Fé.

Deus não tenta ninguém. Contudo, Ele tem todo o poder para reverter uma tentação em um instrumento que forçará o crente a crescer ainda mais em maturidade e integridade.

5) Perseverança no propósito de Deus, v.16-18

“...segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas” (v.18). Este é o propósito de Deus para nós: sermos como que “os primeiros frutos” Dele no meio desse mundo. E como tais devemos refletir o caráter de Deus.

Quem vive dessa forma compreenderá que **“toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto”** (v.17), vindos do trono de Deus a nós, e não fruto da nossa capacidade ou inteligência como pensam os arrogantes. Novamente aqui, Tiago toca na humildade do crente, só que dessa vez em reconhecer sua total dependência de Deus.

6) Perseverança e a verdadeira religião, v.19-27

A ira é um sentimento positivo que se torna negativo e pecaminoso em instantes. Ela é uma força interna que nos leva a reagir diante de alguma injustiça ou pecado. Até aqui tudo bem, pois, a bíblia até mesmo diz que devemos irar, mas, não pecar (**Ef 4.26**). A ira se transforma em pecado quando damos lugar ao diabo para inflamar nossos sentimentos, e assim, agirmos motivados pela raiva e sede de vingança. Mas, devemos lembrar que a nossa sede de vingança não traz a justiça de Deus (v.20).

Devemos nos despojar de toda impureza e acúmulo de maldade, e acolher com mansidão a Palavra de Deus que foi implantada em nosso coração. Por isso mesmo, Tiago agora enfatiza a diferença entre o **mero ouvinte** e o **operoso praticante da Palavra**.

O mero ouvinte: (1) tem uma religião de aparências, (2) engana a si mesmo, (3) perde o seu tempo, pois, não põe em prática o que ouviu.

O operoso praticante: (1) é livre, pois, atenta para a Lei da liberdade; (2) é perseverante nessa Lei; (3) é muito feliz em tudo o que faz, pois, o faz para a glória de Deus.

Concluindo, Tiago nos mostra que a verdadeira religião é a **religião do amor**, a qual considera a necessidade dos desvalidos e desamparados, o órfão e a viúva. Naqueles tempos, alguém era considerado órfão (e no caso das mulheres, viúvas) se não tivesse ninguém por ele, nenhuma fonte de renda e subsistência. Daí essas pessoas serem totalmente necessitadas.

Mas, a verdadeira religião ainda tem outra característica importante: **pureza e santidade em meio a um mundo depravado**. Mais uma vez, a perseverança é o assunto aqui, pois, uma vida de pureza e santidade requer perseverança na presença de Deus. E não devemos inverter a ordem dos fatos, pois, é permanecendo na presença de Deus que viveremos em santidade e pureza. Muitos pensam que se aproximarão mais de Deus se se mantiverem puros. Isso é a mais tola presunção do coração humano. É bebendo água que matamos nossa sede, o

contrário seria um absurdo. Eu não me santifico para depois me apresentar a Deus, mas, sou santificado por Deus e assim Ele me sustenta em Sua presença mantendo-me puro e santo.

Estudo 03

A Fé

O capítulo 2 de Tiago trada da questão da Fé sob dois aspectos: a Fé em relação à Lei (v.1-13) e a Fé em relação às obras (v.14-26). Neste estudo veremos essa primeira parte: a Fé e a Lei.

1) A Lei Régia, v.8

No v.8, encontramos a “lei régia segundo a Escritura” e é essa lei régia que é a base não só do que Tiago está dizendo nesses versos, mas, é também, a base de toda a vida cristã. E a lei régia é: **“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”**.

Sabemos que o Senhor Jesus apresentou toda a Lei de Deus da seguinte forma: **“Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento.³⁸ Este é o grande e primeiro mandamento.³⁹ O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.⁴⁰ Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas”** (Mt 22.37-40). Consideremos aqui as seguintes questões:

2) Cortando o mandamento pela metade?

Tiago não está “cortando” o mandamento deixando só metade dele. Antes, ele está mostrando que o mandamento não pode ser cumprido de verdade se não o for plenamente, ou seja, como direi que amo a Deus se estou deixando de amar o meu próximo? Agora, poderemos entender o que Tiago ensina aqui sobre **“acepção de pessoas”**.

3) A verdadeira fé não faz acepção de pessoas, v.1

“Meus irmãos, não tenhais a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas”. Jesus é o **“Senhor da glória”**, literalmente, Ele é **“a Glória de Deus”** habitando conosco. Assim sendo, quanta desonra para Ele é o praticarmos acepção de pessoas.

A acepção de pessoas é baseada na **“aparência”**, ou seja, naquilo que a pessoa aparenta ser e ter.

O **contraste** aqui está no fato de que em vez de olharmos para as pessoas tomando como base **a gloriosa graça de Deus revelada em Cristo** (o que nos levaria a amar as pessoas sendo elas como e o que são), olhamos para elas com base na **glória humana** a qual é incomparavelmente inferior.

A Bíblia de Estudo de Genebra em nota sobre o v.4, diz: **“Embora Deus nos chame para discernir e discriminar entre o bem e o mal, uma distinção baseada sobre meras exterioridades, tais como status econômico, diferenças étnicas e coisas semelhantes, é vista como uma forma pervertida de juízo”**.

4) Quem é mais amado por Deus: o pobre ou o rico? v.5-7

Não temos qualquer base neste texto ou em qualquer outro da Bíblia para afirmar que os pobres são os escolhidos de Deus, ao passo que os ricos são preteridos (rejeitados). Deus não escolheu para Si pessoas com base nos padrões desse mundo. A eleição divina é com base na exclusiva na Graça de Deus que por Sua livre e soberana vontade decidiu ter misericórdia de quem Ele quis ter misericórdia.

Contudo, a Igreja sendo a família de Deus expressa o caráter e o amor de Deus neste mundo, e por isso mesmo, suas portas devem estar abertas para quem quer que seja, tanto os pobres como os ricos.

Quando Tiago menciona o fato dos ricos serem os **“carrascos”** que levam para tribunal e oprimem os pobres, ele não quer despertar ódio ou aversão de um grupo para com o outro,

mas, sim, mostrar para os crentes que dão preferência aos ricos como se eles fossem mais importantes, que os ricos em vez de confiarem na Graça e Redenção de Cristo, confiam em seus recursos materiais para exercer o poder opressor. É fato que os pobres também podem depositar sua confiança em seus parcós recursos, o que é uma loucura semelhante à dos ricos.

5) A misericórdia triunfa sobre o juízo, v.10-13

Cumpriu nove e tropeçou em um só mandamento: CULPADO! Esse é o veredito Divino.

Parece um despropósito, mas, é isso mesmo. O que esses versos nos mostram é que ninguém pode condenar ninguém, porque todos são pecadores – quebram um ou outro (ou outros) mandamento(s). E se eu não caio numa área que você cai, não sou melhor do que você, pois, em outras áreas sou fraco e posso cair a qualquer momento (v.10,11).

Então não devo julgar? A Escritura não nos impede de julgarmos os fatos; o que ela nos impede é o julgarmos as pessoas, condenando-as sem misericórdia.

O critério para eu julgar o comportamento de um irmão é a misericórdia, pois, é ela que evita que o juízo (de Deus) venha sobre mim.

O objetivo de julgar (discernir, avaliar) as ações de um irmão é para ajudá-lo a vencer seus pecados. Para isso é necessário ter misericórdia, pois, se não a tivermos fatalmente, execraremos o irmão colocando um peso absurdo sobre ele impedindo-o de crescer na fé.

Sermos misericordiosos é uma das maneiras mais claras de mostrarmos nossa filiação divina. O filho de Deus é misericordioso por que o Seu Pai é o “Pai de misericórdias” (2Co.1.3).

Estudo 04

A Fé (continuação)

Na sequência dos nossos estudos veremos agora a Fé em relação às obras (v.14-26).

1) Uma pergunta importante, v.19

No v.19 lemos: “Crês, tu, que Deus é um só?”. Essa pergunta é muito importante para compreendermos o que Tiago está ensinando nestes versos.

Aparentemente, essa pergunta não tem muito a ver com o assunto em questão, a saber, a fé sem obras é morta (v.26). Mas, tem tudo a ver!

O que Tiago está nos mostrando aqui é que assim como Deus é um só (ainda que seja Pai, Filho e Espírito Santo), a verdadeira fé que é fruto da confiança total e exclusiva no sacrifício de Jesus para nos salvar e justificar, essa fé e as obras decorrentes dela, são a mesma coisa. Podemos dizer que a verdadeira fé é a “alma” das obras, e as obras são o “corpo” da fé. Se alguém diz que tem fé em Cristo, deve praticar obras de justiça com uma certa naturalidade. Logo, se alguém diz que tem fé em Cristo, mas, suas obras contradizem, ou ainda, não apresenta qualquer obra que condiga com essa fé, tal fé é falsa, é carnal, humana, é morta!

2) A verdadeira fé versus a falsa fé, v.14 – 18

Nos v.1-13, Tiago falou sobre o fazer acepção de pessoas: acolher com honras aos ricos e com desprezo aos pobres. Agora, nos v.14-18 ele destaca não só o acolher os necessitados, como também, socorrê-los em seus apuros.

Tomando tal situação como exemplo, Tiago nos mostra que de nada adianta dizermos que temos fé se na hora de pormos em prática fracassamos. Tal pessoa age com insensatez (sem senso, juízo, age como um louco). “Queres, pois ficar certo, ó homem insensato, de que tal fé sem obras é inoperante?” (v.19).

Então destacamos:

Verdadeira Fé	Falsa fé
Centrada em Cristo	Centrada no homem
Operante	Inoperante
Viva	Morta
Vida Eterna	Morte eterna

A Verdadeira Fé nos leva a agir bíblicamente, seguindo as normas que Deus nos deixou em Sua Palavra. Não se trata de um cumprimento legalista da Palavra de Deus, mas, sim, de uma obediência voluntária, cheia de amor por Deus que se manifestará em amor pelo próximo.

3) Justificação pela Fé ou pelas Obras?

A Reforma Protestante enfatizou: “Justificação somente pela fé”, ou seja, eles pregaram contra os abusos da igreja católica que ensina que os homens devem **fazer** alguma coisa para serem salvos, e isso significava pagar grandes quantias em dinheiro à igreja a qual emitia documentos concedendo o perdão de Deus – um absurdo!

Mas, quando Tiago questiona se uma fé sem obras pode salvar (v.14), e citando Abraão que foi justificado quando **ofereceu** Isaque em sacrifício, ele então declara no v.22: “Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito foi pelas obras que a fé se consumou”, estaria Tiago dizendo que a justificação (e a salvação) é pelas obras?

Quando comparamos essa declaração de Tiago com a de Paulo que tomindo o mesmo caso de Abraão diz que ele fora justificado pela fé (Rm.4.1-3), estamos diante de uma aparente contradição. Mas, ela é aparente, e não real.

Tiago não diz que a justificação é pelas obras **somente**, mas sim, que a fé de Abraão **operava juntamente** com suas obras. Quando Tiago cita Abraão sendo justificado porque **fez** algo que mostrasse sua fé, ele recorre a Gn 22, enquanto que Paulo, para falar da justificação de Abraão por meio da fé, cita Gn 15. Mas, qual a diferença desses textos?

Em Gn 15, texto mencionado por Paulo, o que se ressalta é a **justificação aos olhos de Deus**, ou seja, ao responder com fé em Deus, Abraão foi justificado, mas, tal justificação era patente somente aos olhos de Deus.

Já em Gn 22, texto citado por Tiago, o que se ressalta é a **justificação aos olhos dos homens**, ou seja, que ao agir com obediência dispondendo-se a sacrificar Isaque num altar, Abraão mostrou sua fé, tornou-a visível aos olhos dos homens.

Paulo ressalta o momento dessa justificação, enquanto que Tiago ressalta os efeitos dessa justificação. A Bíblia de Estudo de Genebra comentando o v.22 diz: “*o pleno desenvolvimento da fé é observado através das obras. A fé verdadeira sempre produz frutos. A fé e as obras podem ser distinguidas entre si, porém, nunca separadas ou divorciadas*”.

Assim voltamos à pergunta central deste trecho que está no v.19, apontando para a unicidade de Deus que é a base para a afirmação central deste trecho, a saber, a verdadeira fé está intimamente relacionada às boas obras.

4) Mas, o que são as boas obras?

Não podemos encerrar esse estudo sem considerarmos essa pergunta. Boas obras **não são** obras de bondade, caridade ou corretas, somente. As boas obras são aquelas que Deus preparou de antemão para que nós, os eleito, andássemos (praticássemos) nelas (Ef 2.10). Nós as realizamos por meio de Cristo, ou seja, tudo quanto fazemos dando todo o crédito e louvor a Jesus, colocando Nele toda confiança.

Dessa forma, podemos afirmar que **somente o crente pode praticar boas obras**, porque essas boas obras são o propósito de Deus para ele (cf. Ef 2.8-10).

Estudo 05

O uso da língua

Consideremos hoje, o trecho de 3.1-12. As palavras (uso da língua) sempre foi um assunto muito importante para o Senhor Jesus. Em Mt 12.36, o Senhor Jesus condena as palavras “frívolas” (inúteis), e em Mc 7.20-23, Ele nos alerta sobre o que sai do nosso coração. Sendo as palavras frutos do nosso coração, elas revelam o que vai lá dentro dele.

Tiago segue na mesma direção e nos mostra:

1) O zelo com as palavras, v.1, 2, 8-12

Começando por aqueles que são responsáveis pelo ensino (os mestres), Tiago lembra da forte influência que o mestre exerce sobre seus discípulos. Se o que for ensinado refletir a vontade de Deus, tais ensinamentos serão bênção na vida dos discípulos; se ocorrer o contrário, grande destruição sobrevirá à vida dos discípulos e a mão de Deus pesará sobre os tais mestres.

Uma das marcas da Igreja Verdadeira é o zelo com o ensino. As práticas das boas obras (aqueelas que são preparadas por Deus para os crentes) só é possível mediante o ensino correto da Palavra de Deus. Exigir uma ortopraxia (prática correta) sem uma ortodoxia (doutrina correta) é um absurdo, um disparate.

Mas, tal responsabilidade (o cuidado com as palavras) não é só dos que ensinam, mas, de todos os crentes. Os v.10-12 nos mostram isso. Todos nós devemos atentar para o que sai da nossa boca. E temos um “filtro” para nossas palavras em Fl 4.8: “**Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento**”.

Se os nossos pensamentos estiverem tomados com tais coisas, com certeza nossas palavras espelharão isso.

2) A necessidade de honestidade, v.2, 7 e 8.

Dizemos que é necessário honestidade no sentido de admitirmos que todos nós temos problemas com a língua. Por vezes dizemos coisas que não correspondem a verdade. Em outras, usamos de palavras duras com as pessoas, ou palavras tão brandas e bajuladoras que em vez de levarem as pessoas a mudarem de atitude, fazemos com que sejam iludidas e permaneçam em seus pecados. Às vezes, nos omitimos e nada dizemos, enquanto deveríamos dizer algo. Enfim, são várias as formas pelas quais podemos utilizar mal as palavras e devemos ser honestos em admitir a nossa incapacidade de por nós mesmos dominarmos nossa língua. Por mais difícil que seja, precisamos ainda considerar o que Tiago nos mostra:

3) A língua produz efeitos, v.3-12

Usando figuras como a do leme de um navio, do freio colocado na boca do cavalo, da fagulha que incendeia uma floresta, Tiago mostra que a língua, “**pequeno órgão**” (v.5) pode trazer sérias consequências para todo o nosso corpo.

Coisas tão insignificantes, aparentemente (as nossas palavras), podem ser uma bênção ou uma maldição para quem nos ouve.

Há um pensamento proclamado inclusive nos meios evangélicos, a saber, que as nossas palavras têm poder. Eu, particularmente, discordo. Para mim, a única palavra que tem poder é a Palavra de Deus. Mas, as minhas palavras produzem efeitos que tanto podem ser positivos quanto negativos, tanto podem ser edificantes como devastadores.

É claro que Tiago mostra que isso é uma inconveniência “**Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim**” (v.10), e pergunta: “**Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargo?**” (v.11), ou seja, da boca de um servo de Deus deve-se sempre esperar o que é bom, o que edifica as pessoas e agrada a Deus.

Tiago ainda nos mostra que:

4) Devemos manter o foco, v.10-12

Não percamos de vista o ensinamento principal aqui: **o cuidado com o nosso coração, pois, é dele que vêm as nossas palavras.**

Para que nossas palavras sejam bênção para as pessoas e instrumentos que glorificam a Deus, devemos manter nosso coração na Palavra de Deus, e a Palavra de Deus em nosso coração.

Voltando ao início desse estudo quando mencionamos os ensinos do Senhor Jesus sobre a língua e o coração, Ele nos mostra que devemos cuidar do que entra em nosso coração, pois, o que entra, inevitavelmente, sairá pela boca.

Em Pv 18.4 lemos: “**Águas profundas são as palavras da boca do homem, e a fonte da sabedoria, ribeiros transbordantes**”. A “profundidade” nas palavras, ou seja, palavras que revelam sabedoria é resultado de um coração que se submete à Palavra de Deus, que a ela se apega como sendo o seu bem maior. Então, mantenha o seu foco na Palavra. Concentrar-se no erro em vez de concentrar-se na solução nos impede de vencermos os nossos pecados. Se quisermos trazer palavras edificantes precisamos encher nosso coração com a Palavra de Deus.

Estudo 06

Quem é sábio e inteligente?

O trecho que veremos aqui será 3.13-18. Como sempre, Tiago faz uma pergunta e por meio da qual ele introduz um novo assunto. Dessa vez, a pergunta é: “**Quem entre vós é sábio e inteligente?**” (v.13), e com essa pergunta ele passa a falar sobre o que é a sabedoria *segundo Deus* e a sabedoria *segundo o homem*.

Os termos “**sábio**” e “**inteligente**”, com frequência são vistos como sinônimos, mas, são distintos. O adjetivo “**sábio**” no grego é “**σοφός**” (de onde vem a palavra *sofia* de filosofia) é o termo técnico para o professor; no uso judaico, é a pessoa que tem o conhecimento da sabedoria moral e prática, baseada no conhecimento de Deus. Em contraste com o termo filosófico grego que significa “sabedoria teórica”. Enquanto isso, o adjetivo “**inteligente**” vem do grego “**ἐπιστήμων**” (de onde vem a palavra epistemologia) e é relativo a “entendimento”. A palavra implica em conhecimento profundo ou profissional (RIENECKER e ROGERS). Enquanto “**sábio**” aponta para o conhecimento e sabedoria que vêm do temor de Deus no coração da pessoa, “**inteligente**” aponta para aquele que é hábil em executar essa sabedoria em seu viver diário.

Quem é sábio e inteligente deve:

1) Mostrar por meio de uma vida piedosa sua sabedoria

Deus capacita seus filhos com sabedoria a fim de que eles **vivam** em sabedoria. A atitude de acumular conhecimento e não colocar em prática é prova de estultícia. Um coração que adquiriu a sabedoria que nasce do temor a Deus (Pv 1.7; 9.10) mostrará (revelará) às pessoas essa sabedoria, com uma atitude de mansidão, ou seja, de humildade.

Assim como um coração que é arrogante por se julgar inteligente e “esperto” é algo desprezível e insuportável aos olhos de Deus (4.6), um coração humilde e cheio de temor a Deus (é um coração verdadeiramente sábio) é agradável ao Senhor.

Um coração verdadeiramente sábio (que teme a Deus) não se engrandecerá diante de seus feitos, mas, fará tudo com o objetivo de glorificar a Deus. Tal atitude é o remédio Divino para o pior dos nossos pecados: o egoísmo.

Um coração sábio e inteligente segundo Deus vive condignamente o Evangelho de Cristo. Suas boas obras são aquelas que Deus quer que ele as faça e é em fazer a vontade de Deus que este coração encontra sua plena felicidade e razão de viver e existir.

Quem é sábio e inteligente (segundo Deus), deve

2) Distinguir entre a sabedoria celeste e a terrena

Um coração que carrega sentimentos de:

- **inveja amargurada** (**ζῆλος**): um forte desejo de promover a própria opinião, ignorando a opinião dos outros;
- **sentimento faccioso** (**ἐριθεία**): ambição egoísta. A palavra significa realmente o vício do líder de um partido criado para seu próprio orgulho. É a ambição partidária, o orgulho faccioso (RIENECKER e ROGERS).

A Bíblia de Genebra comentando essas palavras nos lembra que tais sentimentos envenenam o coração do homem. O egocentrismo de um coração o leva a quer se projetar sobre os demais, a não aceitar “concorrentes” e “opositores”.

No v.16 lemos que: “**Pois, onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de cousas ruins**”.

Num lugar onde as pessoas disputam seus interesses, onde cada um pensa em si somente e pouco se importa com a dor alheia, com toda certeza ali haverá todo tipo de coisas ruins.

Onde as pessoas não estão dispostas a considerar o outro maior e mais importante do que si mesmo (Fp.2.3), neste lugar os egos inflamados, o orgulho exaltado promoverá o mal e a destruição de todos (Gl.5.15).

Tal sabedoria, diz Tiago: “**não é a sabedoria que desce lá do alto; antes é terrena, animal e demoníaca**” (v.15).

É **terrena** (**ἐπίγειος**), “daqui de baixo”, ou seja, oriunda desse plano terreno, não tem valor algum aos olhos de Deus.

É **animal** (**ψυχικός**), natural, isto é, pertencente à vida natural, que os homens e os animais compartilham indistintamente.

E é **demoníaca** (**δαιμονιώδης**), diabólica, inflamada pelo diabo, incentivada pelo inferno.

Tal sabedoria que proveito tem?

Em contrapartida, Tiago mostra como é a sabedoria “**lá do alto**”, que é a que deve estar em nosso coração.

“...primeiramente, pura...” (**ἀγνός**), o que quer dizer “integridade moral e espiritual”. O servo de Deus deve ser íntegro moral e espiritualmente, ou seja, o que ele pratica deve ser exatamente aquilo que ele crê: a Palavra de Deus.

“**pacífica**” (**εἰρηνικός**), o que não quer dizer pacata, mas, sim, amante e promotora da paz. Alguém que se diz sábio deve ser um perito “apagador de incêndios”; alguém que com suas palavras estabelece a paz entre partes conflitantes. Exatamente o oposto de quem tem sentimentos facciosos (que promovem divisões).

“**indulgente**” (**εἰρηνικός**), gentil, razoável nos julgamentos, moderado. A palavra indica uma paciência humilde, uma perseverança que é capaz de se submeter à injustiça, desgraça e maus tratos sem ódio ou malícia, confiando em Deus a despeito de tudo.

“**tratável**” (**εύπειθής**), facilmente persuadido, disposto a submeter-se. O oposto da palavra é “desobediente”. A palavra é usada acerca da submissão à disciplina militar e para a observância de padrões morais e legais na vida diária; uma pessoa que se submete voluntariamente à vontade paterna.

“**plena de misericórdia**” (**ἔλεος**); um coração misericordioso é aquele que sempre tem em sua lembrança a misericórdia de Deus que o alcançou. A sabedoria lá do alto é plena dessa misericórdia divina.

“**bons frutos**”, ou seja, o fruto do Espírito Santo (Gl 5.22,23).

“**imparcial**” (**ἀδιάκριτος**), não divido, sem parcialidade, íntegro com referência à situação descrita nos v.9-10, quanto ao uso da língua.

“**sem fingimento**” (**ἀνυπόκριτος**), sem hipocrisia, sem máscaras. O coração verdadeiramente sábio não finge saber, ele sabe. E quando não detém algum conhecimento, ele é honesto em dizer que não sabe e “corre atrás do prejuízo” para adquirir o conhecimento e assim se comportar à luz do conhecimento adquirido.

Por fim, o coração sábio semeia “**em paz**” e colhe os frutos da justiça. Com muita facilidade corremos atrás dos nossos direitos buscando a justiça, porém, nesse processo semeamos perturbação, e dificilmente colheremos a paz que tanto queremos.

Conclusão

O coração sábio é aquele que reconhece o Senhor em todos os seus caminhos, e o coração que age assim é verdadeiramente feliz.

Note que a ênfase que Deus dá aqui neste texto não é para os sentimentos, mas, sim, para as ações. Ações que revelam a sabedoria lá do alto, vinda de Deus, são ações que promoverão a paz em nossos corações.

Estudo 07

A Sujeição Total a Deus

O capítulo 4 da carta de Tiago tem como assunto principal a sujeição total a Deus. No v.7 lemos: “**Sujeitai-vos, portanto, a Deus**”. Sujeitar-se é o mesmo que submeter-se, colocar-se debaixo do julgo e comando de alguém, no caso aqui, o comando de Deus.

Quando Deus nos manda submetermos a Ele é porque tem um motivo muito forte: livrar-nos de nós mesmos, do nosso próprio coração.

Mas, por quê? Qual o problema com o nosso coração?

1) Ele é mau por natureza, v.1-3

Nosso coração é por natureza, estragado pelo pecado. Totalmente! Dele brotam as guerras e contendas, as disputas e as intrigas entre as pessoas. Os “**prazerem que militam**” em nossa carne, isto, dentro do nosso coração, estão constantemente, disputando o poder pela nossa vontade, pois, uma vez que nossa vontade for dominada, fatalmente faremos o que o nosso coração quiser.

Pecados como a cobiça, inveja, e sentimentos de ódio que nos levam a desejar a morte dos outros (e às vezes até mesmo chega-se a consumar tal desejo maligno), nascem em nosso coração.

Observe que Tiago não disse que tais sentimentos são **colocados**, mas sim, **procedem** de dentro do nosso coração.

Além disso, nosso coração é egoísta, pois, quando quer algo, é para si somente, para esbanjar consigo mesmo (v.3).

É duro sermos confrontados pela Palavra de Deus! Mas, diante dela, não temos como contra-argumentar.

2) Ele é infiel a Deus, v.4-6

No v.4, Tiago chama de “infiéis” aqueles que amam mais o mundo do que a Deus. Esse substantivo “infiéis” (**μοιχαλίς** no grego) quer dizer “adúlera, infiel aos votos matrimoniais”. O termo era a figura de linguagem particularmente do Antigo Testamento, para indicar a infidelidade a Deus, e a prática da idolatria. Aqui, o mundo é o falso deus (cf. RIENECKER e ROGERS). Quando colocamos ídolos em nosso coração (no caso, aqui o mundo) estamos deixando Deus de lado; isso caracteriza a infidelidade espiritual.

A “amizade” (**φιλία**) aqui não é apenas uma simpatia pelo mundo, mas, sim, “amar e ser amado”. Quem procura o amor do mundo para si se constituirá inimigo de Deus. A palavra aqui para “inimizade” é **έχθρα** e é um ato de hostilidade contra Deus.

A conotação de um “casamento” entre Deus e Seu povo ainda pode ser vista no v.5, onde lemos que o Espírito Santo “**por nós anseia**” com ciúmes, ou seja, com sentimentos de quem tem a zelo pela pessoa amada. O Espírito Santo habita no coração do crente, portanto, quando o crente se volta para o mundo está ofendendo a Deus.

3) Nosso coração é arrogante e hipócrita, v.11,12

Nestes versículos, Tiago trata de algo que acontece com muita frequência no meio do povo de Deus: maledicência e julgamento arrogante e hipócrita.

O crente que em vez de julgar as ações do seu irmão, a fim de corrigi-lo e também evitar que tais pecados sejam encontrados em si mesmo, calunia e sai esparramando o pecado do seu irmão e julgando-o dizendo que ele não é crente coisa nenhuma, que é um condenado ao

inferno, etc., pecando, assim, contra seu irmão, e, acima de tudo contra Deus, constituindo-se a si mesmo “juiz da lei”, ou seja, acima da Lei de Deus.

O único Legislador (quem faz as leis) e Juiz (executor das leis) é Deus. Somente Ele se encontra acima de Suas Leis por ser Ele santo e perfeito. O crente que julga seu irmão, sem submeter-se a si mesmo à Lei de Deus é um hipócrita, um arrogante a quem Deus “acertará” mais cedo ou mais tarde, veja o v.6.

Somos mestres em detectarmos o pecado dos outros, e em escondermos o nosso pecado. Com muita facilidade falamos mal dos outros. Usamos nossa língua para destruir vidas em vez de edificá-las. Antes, de julgarmos o pecado alheiro (e isso devemos fazer), precisamos primeiramente, julgar-nos a nós mesmos, ou seja, submetermo-nos à poderosa mão de Deus.

4) Ele é autossuficiente, v.13-17

Nestes versos encontramos a nossa pequenez de forma muito clara. Enganamo-nos pensando que somos alguma coisa, que temos o controle da nossa vida, quando na verdade sequer temos controle sobre as coisas mais simples como por exemplo, a queda de um cabelo.

Em vez de sermos arrogantes e jactanciosos pensando que somos alguma coisa por nós mesmos, devemos nos submeter a Deus e fazermos a vontade Dele, porque Ele sim, tem o controle de tudo.

Conclusão

Nos v.7-10 encontramos uma série de verbos que são muito duros para o nosso coração arrogante, aos quais devemos prestar muita atenção. São eles: “sujeitai-vos”, “chegai-vos”, “purificai”, “limpai”, “afligi-vos”, “lamentai”, “chorai”, “humilhai-vos”. Todos esses verbos apontam para nossa relação com Deus. Quando fizermos tudo isso em relação a Deus, certamente venceremos o diabo (v.7), teremos um relacionamento profundo e verdadeiro com Deus. Mas todo esse processo passa por um profundo quebrantamento espiritual (v.9).

Por fim, o v.17 fecha “com chave de ouro” os ensinamentos desse capítulo: “Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando”.

Estudo 08 A questão da riqueza

Consideremos agora 5.1-5. O Senhor Jesus disse: “**porque, onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração**” (Lc 12.34).

Em momento algum a Bíblia condena a riqueza; antes, ela é vista muitas vezes como bênção de Deus (Pv.10.22). O problema está no amor ao dinheiro, o que Paulo considera a raiz de todos os males: “**Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores**” (1Tm 6.10), e a avareza (que geralmente está ligada à posse de bens materiais e ao dinheiro) idolatria (Cl 3.5). E justamente por isso ele ordenou a Timóteo: “¹⁷**Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento;** ¹⁸**que pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir;** ¹⁹**que acumulem para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro, a fim de se apoderarem da verdadeira vida**” (1Tm 6.17-19).

Diante de tudo isso precisamos entender que a riqueza é uma boa serva, mas, uma péssima senhora. Tiago usando uma linguagem típica dos profetas do Antigo Testamento repreende os ricos nos seus pecados.

1) A exortação inicial, v.1

A exortação: “**Atendei, agora, ricos, chorai lamentando, por causa das vossas desventuras**” (v.1), é de uma linguagem carregada de condenação: “**Atendei, agora**” mostra que a urgência com que eles deveriam “**chorar lamentando**”.

Existe choro que não traz consigo a lamentação. A lamentação é um profundo senso de pecado, é o choro pelo pecado que não se consola a não ser com o perdão de Deus. A lamentação é o resultado de um coração que se investiga diante de Deus e vê a miséria na qual se encontra. Alguém já disse que a nossa geração é a dos “olhos secos” que não derramam uma lágrima sequer pelos pecados cometidos. A incapacidade de lamentar pelos pecados cometidos é um grave sinal de frieza espiritual.

O coração do homem o engana. Faz o pecado parecer algo muito bom, mas, no final é só desventura. Quem confia nas riquezas está construindo sua vida sobre a areia movediça. A qualquer momento pode afundar.

2) Descrição do pecado, v.2,3

Tiago descreve o pecado deles da seguinte forma:

“**As vossas riquezas estão corruptas**”: literalmente, “estão podres”, estragadas.

“**as vossas roupagens, comidas de traça**”: na opulência e ostentação deles, com roupas finas e caras, insetos insignificantes lhe causaram dano.

“**o vosso ouro e a vossa prata foram gastos de ferrugens, e a sua ferrugem há de ser por testemunho contra vós mesmos e há de devorar, como fogo, as vossas carnes**”: continuando ainda ressaltando a insignificância dos ricos que se achavam superiores, Tiago mostra que coisas ainda mais insignificantes, que não podem ser vistas à olho nu como a ferrugem, não somente haveria de corroer o ouro deles, mas, eles próprios. Novamente, Tiago lança mão de uma figura do Antigo Testamento, no caso, a lepra. A lepra nos tempos do AT podia chegar a tal ponto que das pessoas ela passava para as peles com as quais as barracas eram feitas (Lv 14.34-38). O curioso é que no AT a praga saía da pessoa e passava para a parede; aqui, Tiago descreve o inverso: começa de fora para dentro, do objeto (ouro) para a pessoa.

3) A justiça será feita, v.4-6

Tiago acusa os ricos de terem “engordado o coração”, o que quer dizer que eles não somente permitiram que as riquezas se tornassem seus ídolos, como ainda, para ficarem ainda mais ricos exploraram os pobres que trabalhavam para eles.

Ao dizer: “**Eis que o salário dos trabalhadores que ceifam os vossos campos e que por vós foi retido com fraude está clamando; e os clamores dos ceifeiros penetraram até aos ouvidos do Senhor dos Exércitos**” (v.4), Tiago está mostrando que a dureza de coração e a incapacidade dos ricos em lamentarem a própria iniquidade, fez com que eles se afundassem ainda mais nos seus pecados.

Mas, alguém está clamando. São os trabalhadores injustiçados.

Alguém está ouvindo, e esse alguém é o próprio Deus, que tanto ouve o lamento de arrependimento do pecador quanto o pedido de socorro e clamor por justiça dos que sofrem a injustiça.

Os ricos aqui estavam violando descaradamente a Lei de Deus que em **Lv 19.13** e **Dt 24.14,15**, proíbem claramente a retenção do salário. Ali, no caso, o jornaleiro, era o trabalhador que recebia pela jornada diária de serviço. Hoje, se o sistema de pagamento é mensal, o princípio permanece. Patrões que retém o salário dos empregados a fim de ganharem um pouco mais em aplicações financeiras, estão roubando, e construindo riquezas com base na injustiça e maldade e isso atrai a ira de Deus sobre tais pessoas.

Enquanto estes vivem “**regaladamente sobre a terra**”, outros vivem numa situação de aperto e necessidade.

Geralmente, os que se dizem ateus alegam que se há tanta desigualdade no mundo a culpa e de Deus que permite tais coisas. O que tais pessoas esquecem é que cada um é responsável por suas ações diante de Deus, e Ele próprio cobrará de cada um. Se existe tanta injustiça social neste mundo, a culpa não é de Deus, mas, sim, do homem ganancioso: “**tendes condenado e matado o justo, sem que ele vos faça resistência**” (v.6). Mas, que ninguém se engane, Deus fará justiça pelos oprimidos.

Conclusão

Algo que fica para nossa indagação é o apego que muitos crentes têm tido pelas riquezas. Líderes que ensinam suas igrejas a buscarem mais a prosperidade financeira do que a verdadeira prosperidade, a que é fruto de uma comunhão verdadeira com Deus. Tudo isso deve ser para nós um alerta.

Estudo 09

Virtudes Indispensáveis para o Crente

Vejamos agora, 5.7-11.

Ser crente em Cristo Jesus é muito mais do que apenas uma confissão religiosa: é seguir a Cristo e, mostrar em seu viver um caráter semelhante ao de Cristo (Rm 8.28,29).

Quando o Senhor Jesus proferiu um discurso ao qual os discípulos não suportaram (Jo 6.22-65), ao Se dirigir aos doze perguntando-lhes se eles queriam ir embora também, Pedro respondeu-lhe: “**Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna**”. A resposta de Pedro nos mostra que seguir a Cristo, é seguir uma pessoa (“...para quem iremos?”) e não uma filosofia.

Assim sendo, neste trecho, Tiago nos mostra algumas virtudes que são indispensáveis na vida do crente. Vejamos quais são elas.

1) Paciência, v.7

Tiago, assim como todos daquela época, alimentavam em seus coração a esperança de que Jesus voltaria naqueles dias. Da mesma forma, todos os crentes de todos os tempos e eras também alimentaram em seus corações a vinda do Senhor em seus dias. Um exemplo disso foi Lutero que, tinha plenas convicções de que Jesus voltaria em seus dias pela situação e conjuntura em que vivia o que ocasionou a Reforma Protestante.

Hoje, todo crente sincero, espera que a volta de Jesus se dê nesses dias em que vivemos. Mas, o que fazer quando a volta de Jesus parece demorar tanto a acontecer, especialmente, se estamos passando por um momento de intensa luta e dor? **Devemos ter paciência**, disse Tiago.

Ser paciente não é fácil. Falar de paciência enquanto não sofremos é fácil; o difícil é quando estamos passando por provações.

A paciência é um exercício constante do nosso coração. Mas, não é um exercício sem base ou sem sentido. Tiago nos mostra que a paciência deve ser:

- “**até à vinda do Senhor**”: quando Jesus voltar, cessarão não somente as nossas dores, mas, também o exercício da paciência, pois, naquele Dia receberemos a recompensa da nossa paciência. E esta é justamente a outra característica da paciência:

- “**...até receber...**”: usando o exemplo do agricultor que aguardar com paciência as primeiras chuvas, sem as quais o plantio seria inviável, e as últimas chuvas, sem as quais a colheita estaria condenada porque os grãos não se desenvolveriam da maneira esperada, Tiago nos mostra que a paciência é recompensada por Deus. E que bela recompensa teremos! Nada mais nada menos que a Glória eterna.

O exercício da paciência na vida do crente o levará ao fortalecimento de seu coração, o que podemos chamar de:

2) Esperança, v.8

“**Sede vós também pacientes e fortaleci o vosso coração, pois a vinda do Senhor está próxima**”. A paciência leva o nosso coração a ter esperança; não uma esperança qualquer, mas, sim, a esperança em Cristo.

Os crentes devem se fortalecer na esperança da vinda do Senhor Jesus. Paulo diz em 2Tm 4.8: “**Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda**”. O servo de Deus deve amar o Dia da vinda de Cristo, e isso quer dizer, depositar toda a sua esperança

nesse dia, e viver todos os dias com a esperança de que Cristo cumprirá Sua promessa de voltar para nos buscar.

Fala-se muito de esperança em nossos dias, mas, a única esperança que realmente funciona é a que está em Cristo, é a que Cristo promove ao coração do crente.

Essa esperança que Cristo coloca em nosso coração não é algo que fica somente em nossa relação com Ele, mas, também em relação aos nossos irmãos. Essa esperança que nasce do exercício da paciência gera em nós misericórdia em relação aos nossos irmãos.

3) Misericórdia, v.9

“irmãos, não vos queixeis uns dos outros, para não serdes julgados”. O verbo “queixar” (*στενάζω*) no texto grego descreve um sentimento interior não expresso; daí tem o sentido de uma murmurção que gera um julgamento precipitado que por sua vez retorna para nós como um julgamento por parte de outros. É o que o Senhor Jesus diz em **Mt 7.1-5**, onde Ele nos mostra que não devemos julgar temerariamente nosso irmão.

Mas, por que julgamos nossos irmãos? Tiago nos mostra que é porque não temos misericórdia para com eles. Não temos paciência em suportá-los em suas fraquezas, não temos esperança em vê-los restaurados por Deus e por isso, não temos misericórdia deles porque pomos neles somente em vez de confiarmos no poder de Deus para transformá-los.

O exercício da misericórdia em nossa vida revela o caráter de Deus em nós como podemos ver no v.11: **“...porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo”**. Quando o crente se mostra misericordioso para com seus irmãos, não só mostra paciência com eles, mas, confiança no poder de Deus em transformar vidas.

Dessa forma, a paciência, a esperança e a misericórdia juntas levam o crente à perseverança.

4) Perseverança, v.10

Como vimos no Cap.1 (Estudo 02), a perseverança é um assunto primordial na vida do crente. É a perseverança que mostra a firmeza da fé que o crente tem em Cristo, por isso mesmo, quando alguém que se diz crente não persevera em sua fé (e na constância dessa fé), algo muito estranho e errado está acontecendo.

A perseverança na vida do crente é ao mesmo tempo o resultado da paciência, da esperança e da misericórdia, como também o que permeia todas essas características do crente.

É preciso perseverar na paciência, na esperança e na misericórdia. É a perseverança que nos leva a colher os frutos da paciência, da esperança e da misericórdia. Quem não persevera na paciência, não desenvolve a esperança e muito menos exerce a misericórdia em relação aos outros.

A perseverança não é um sentimento: é uma ação. Se perseverarmos somente quando tivermos vontade então não colheremos o que Deus tem para nossa vida. Porém, se perseverarmos mesmo quando nosso coração não tiver vontade, então seremos recompensados por isso. Há quem diga que fazer algo que não se tem vontade de fazer é hipocrisia. Mas, fazer o que se deve ser feito não é hipocrisia, é responsabilidade! Hipocrisia seria não querer fazer e sair dizendo para todos “oh! Como eu amo fazer isso!”.

Tiago ainda diz sobre a perseverança: **“Eis que temos por felizes os que perseveraram firmes”** (v.11). A felicidade é fruto da perseverança. O estudante que não persevera não tem a alegria de se formar; o pai que não educa o filho conforme a Palavra, não terá o prazer de vê-lo nos caminhos do Senhor; o crente que não persevera não receberá a coroa da vida (**Ap 2.10**). A felicidade não é um estado de espírito ou um bônus que recebemos, mas, sim, decisão em obedecer a Deus e em permanecer em Sua presença.

Conclusão

Paciência, esperança, misericórdia e perseverança são características que devem estar presentes em sua vida se você se declara um crente em Cristo Jesus.

Que o Senhor Jesus nos dê a graça de termos essas características sempre presentes em nossa vida.

Estudo 10
As Palavras do Crente

Encerrando a carta, vejamos Tg 5.12-20. Um dos assuntos que Tiago traga com veemência em sua carta é o uso da língua (palavras) que o crente faz. Para Tiago (e para toda Escritura Sagrada) as palavras do crente devem refletir o caráter de Deus em sua vida.

De uma forma bem simples e clara podemos dividir esse trecho da carta em duas partes: (1) nossas palavras em relação a Deus, e, (2) nossas palavras em relação ao próximo.

Vejamos o que essa preciosa porção das Escrituras nos ensinam.

1) As nossas palavras dirigidas a Deus, v.13, 14, 15, 17 e 18.

Nesses versos Tiago trata da oração. A oração é a palavra do crente dirigida a Deus na qual ele expressa sua confiança em Seu poder.

Aqui Tiago alista algumas situações em que o crente deve fazer uso da oração.

Oração em momentos de sofrimento (v.13): esse verso caminha justamente na contramão do que diz a “voz popular”, a saber, “quem canta seus males espanta”. Neste verso vemos que é quem ora que vence seus sofrimentos: “**Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração**”. E para os momentos de alegria: “**Cante louvores**”. A oração de um coração sofrido que admite sua fraqueza e seu pecado, é atendida por Deus. No Sl 51.17 lemos: “**Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus**”.

Quanto conforto perdemos para o nosso coração sofrido quando deixamos de buscar a Deus em oração! O mesmo pode ser dito dos nossos momentos de alegria. Quantas vezes deixamos de cantar louvores a Deus nos momentos de alegria! Numa festa de aniversário fazemos a “parte espiritual” com tanta superficialidade e rapidez, para logo partirmos para a “parte social”. Este verso vem nos lembrar de uma dura verdade: **como nosso coração foge de Deus; fugimos Dele quando estamos sofrendo deixando de buscá-Lo em oração, ou quando estamos alegres não o louvamos como deveríamos.**

Oração em momentos de enfermidade (v.14 e 15). No v.14 encontramos um elemento indispensável para que a oração em favor de um enfermo “funcione”. Se você pensou no óleo, errou. Se arriscou que esse elemento seja os presbíteros, também errou. O elemento indispensável é o que está no final do verso: “**em nome do Senhor**”.

Quanto à presença dos presbíteros, o que Tiago está mostrando aqui, é que a liderança da Igreja deve estar atenta às dores e lutas do rebanho do Senhor. É função do presbítero pastorear (veja 1Pe 5.1 e 2).

Quanto ao uso do óleo, é importante destacarmos que aqui Tiago aponta para o caráter medicinal. Comentando esse verso a Bíblia de Estudo de Genebra diz: “**O azeite de oliveira era usado com frequência na medicina no mundo antigo (Mc 6.13; Lc 10.34). Também o óleo pode ter uma referência simbólica do poder curador de Deus**”.

Concordamos que o uso do óleo aqui seja medicinal. Quanto ao aspecto simbólico não o negamos, porém, vemos o mesmo com muita ressalva, justamente, porque o óleo no Antigo Testamento apontava para o Espírito Santo, o qual veio em Sua plenitude no Novo Testamento. Além disso, o coração humano é idólatra e com muita frequência busca para sua fé os tais “pontos de contato”. Isso é contrário ao que prescreve as Escrituras Sagradas. Andar por fé é justamente não necessitar se agarrar a nada material. Assim sendo, devemos evitar não só o retrocesso dos tempos do Antigo Testamento (já temos a concretização do que simbolizava o óleo), e a idolatria de julgarmos que um simples óleo “ungido” é que resolverá o problema. Isso é animismo.

O que torna a oração eficiente é o fato dela ser feita “**em nome do Senhor**”. Mas, que isso não seja tomado supersticiosamente, como se fosse uma palavra mágica. A oração feita em

nome do Senhor leva em consideração: (1) a glória do Senhor em questão, que tanto pode ser vista na cura do enfermo ou não, pois se for curado, Deus é quem merece toda glória, e, se, não for curado o enfermo, Deus deve ser glorificado também como aquele que sustenta o desvalido, (2) a vontade do Senhor: Deus cura se Ele quiser ou não cura se não quiser; para tudo Ele tem um propósito.

Já o v.15 tem sofrido interpretações das mais esdrúxulas. A Igreja Católica Romana o toma como base para a “Extrema-unção”, a qual, inicialmente, tinha o caráter de cura, e que, hoje é vista como “o último sacramento recebido antes da morte”. O que para a Igreja Católica era “sinal de vida e cura” tornou-se “sinal de morte”. Que tal interpretação é equivocada, não precisamos dizer.

Já muitos crentes depositam tanta fé na oração que pensam que pelo simples fato de orarem, reverterão a situação. A oração por mais bela e bem formulada que seja, não tem poder em si mesma. Tiago deixa bem claro que quem levantar o enfermo é o Senhor.

Outro aspecto da oração aqui é o efeito terapêutico da oração: “...e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados”. A Bíblia de Estudo de Genebra diz: “O pecado e a doença têm afinidade. O perdão é terapêutico, tanto para o corpo como também para a alma”.

Pecado não confessado e falta de perdão traz dores (enfermidades) para o corpo, veja o que diz o Sl 32.1-5: “Bem-aventurado aquele cuja iniqüidade é perdoada, cujo pecado é coberto. ² Bem-aventurado o homem a quem o SENHOR não atribui iniqüidade e em cujo espírito não há dolo. ³ Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia. ⁴ Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim, e o meu vigor se tornou em sequidão de estio. ⁵ Confessei-te o meu pecado e a minha iniqüidade não mais ocultei. Disse: confessarei ao SENHOR as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniqüidade do meu pecado”. Voltaremos a esse assunto no próximo ponto quando falarmos sobre a prática mútua da confissão de pecados. Por enquanto, basta dizer que quando alguém confessa seu pecado a Deus, colhe de imediato os benefícios do Seu perdão (um coração aliviado e reconciliado com Ele), e também os benefícios para o corpo (cura das enfermidades) que poderão vir mais tarde (ou imediatamente também). O exemplo de Elias nos v.17 e 18 apontam o dever de orar “com instância”, ou seja, nunca esmorecer e desanimar até obter a resposta de Deus segundo a vontade Dele. Elias orou porque tinha convicção da vontade de Deus. O que ele mais queria era glorificar a Deus diante daqueles idólatras. Uma pergunta que devemos sempre responder quando oramos é: a glória de quem buscamos quando pedimos a Deus alguma coisa? Isso responderá se a nossa oração agrada ou não a Deus.

2) As nossas palavras dirigidas ao próximo, v.12, 16, 19 e 20

Como sempre, Tiago aponta que a nossa relação com Deus também nos leva a relacionarmos com as pessoas.

No v.12 ele trata de uma questão muito séria: os juramentos. A Bíblia não nos proíbe de fazermos juramentos e votos. Antes, ela deixa bem claro que só podemos jurar e fazer votos se tomarmos Deus como testemunha. O que Deus está proibindo aqui no v.12 não é o juramento feito a Ele, mas, sim, feito por qualquer coisa ou pessoa “nem pelo céu, nem pela terra...”.

A Confissão de Fé de Westminster mostra que a diferença entre juramento e voto está no fato de que o primeiro é público e o segundo, particular e quase sempre secreto. Contudo, os dois são feitos na presença de Deus.

O que Tiago está nos ensinando aqui é:

Credibilidade em nossas palavras: não é o simples fato de fazermos juramentos ou votos, mas, sim, o evocarmos qualquer coisa por testemunha para dar mais credibilidade ao que falarmos. Suspeite de alguém que para tudo o que fala acrescenta: “Eu juro por isso, ou por

aquilo...”. Antes: “**seja o vosso sim sim, e o vosso não não, para não cairdes em juízo**” (veja Mt 5.37), isto é, para que não sejamos desacreditados e julgados como mentirosos. Tal coisa é vergonhosa demais para o Evangelho.

A mutualidade da confissão e do perdão (v.16): neste verso temos um ensinamento precioso. Seguindo o assunto do ponto anterior, Tiago está mostrando aqui a importância do pedirmos perdão uns aos outros quando pecarmos uns contra os outros.

Geralmente, as pessoas tomam a parte final desse verso para falarem sobre a importância da oração: “**Muito pode por sua eficácia, a súplica do justo**”. Contudo, devemos lembrar o contexto dessas palavras. O contexto é de perdão. Deus não ouve a oração de um coração que insiste em não perdoar. A oração dominical nos lembra: “**Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado os nossos devedores**” (Mt 6.12). E o Senhor Jesus ainda acrescenta: “**Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas**” (Mt 6.14,15).

É lamentável como negligenciamos o perdão aos que nos ofenderam. Ficamos ressentidos e remoemos nossas mágoas em vez de liberarmos o perdão.

Se quisermos ter nossas orações respondidas precisamos exercitar a mutualidade da confissão e do perdão dos pecados cometidos em relação aos nossos irmãos. Muitos crentes não têm suas orações respondidas por causa da dureza do coração em perdoar. Muitos até se escoram num conceito errado dizendo: “Deus me ama do jeito que eu sou. Mesmo sabendo que eu não consigo perdoar o fulano, Ele ouvirá minha oração porque é misericordioso”. A melhor maneira de agradarmos a Deus é pela obediência (1Sm 15.22) confiante no sacrifício de Jesus. Se eu não perdoar a quem devo, então é porque não conheço a Deus (1Jo 1.7,8).

A prática da exortação (v.19,20): o bom crente cuida não apenas de si, mas, também do seu irmão, especialmente, o que “**se desviar da verdade**” (v.19). Em nossos dias, as pessoas têm cultivado a cultura do “ninguém tem nada a ver com a minha vida”. Por isso, falar da prática da exortação soa agressivo e estranho para muitos.

Mas a Bíblia nos manda exortarmo-nos uns aos outros. É dever de todos cuidarem uns dos outros. **A Igreja Primitiva era conhecida como uma “comunidade dos que se cuidavam”** (At 4.32-35).

O objetivo da exortação é encorajar o que estiver desanimado, é corrigir o que estiver em falta, é servir de apoio para quem está fraco. Contudo, o caráter corretivo seja o mais destacado por Tiago aqui, todos esses sentidos são aplicados à exortação. Se você conseguir convencer de pecado quem estiver pecando, se você atuar a tal ponto para converter um irmão que caminha em direção oposta à que Deus quer, então você verá a alma dele ser salva da morte e verá os pecados dele ser perdoados e ele libertado da escravidão.

Conclusão

Concluindo nossos estudos na carta de Tiago lembramos do tema central da mesma: **A fé cristã na prática.** Somos desafiados a praticar, obedecer ao que a Bíblia nos ensina.

Como sempre temos ressaltado, na vida cristã temos de fazer o que é certo mesmo quando nosso coração reluta e não quer fazer. Muitos crentes alegam que fazer algo sem ter vontade é hipocrisia. Contudo, fazer o que é certo mesmo sem ter vontade não é hipocrisia, mas, deixar de fazer é negligência. Muitos não querem pecar por hipocrisia, mas, não se importam em pecar por negligência.

Faça o que Deus lhe ordena, seja encontrado fiel pelo Senhor quando Ele lhe chamar para prestar contas. Pratique a fé cristã pondo-a em prática.

A Deus toda a glória!